

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

### **O BRUXO DO COSME VELHO: NOVAS ANÁLISES DA CORRESPONDÊNCIA MACHADIANA ASPECTOS DA VIDA LITERÁRIA E *GRAFIA DE VIDA***

*Tatiana de Oliveira Miguez* (UERJ)

[tati-miguez@hotmail.com](mailto:tati-miguez@hotmail.com)

*Fátima Cristina Dias Rocha* (UERJ)

[fanalu@terra.com.br](mailto:fanalu@terra.com.br)

No ano de 2008, no qual celebramos o centenário da morte de Machado de Assis, vários olhares se voltaram para tal autor, buscando homenageá-lo por meio de estudos referentes, em grande parte, à sua obra<sup>13</sup>. Assim como a maioria dos trabalhos de pesquisa realizados neste período, o presente artigo visa explorar outra faceta machadiana: o universo de suas cartas, a partir do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais em vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado – traçar pontos que possam desvendar a *escrita de si* desenhada pelo próprio Machado de Assis a seus correspondentes.

Este trabalho está inserido num projeto maior intitulado "Ficção e autobiografia: porosidades, interseções", coordenado pela professora doutora Fátima Cristina Dias Rocha. Seguindo as linhas de investigação estabelecidas, esta pesquisa procura agora apresentar de forma abrangente os principais pontos identificados, discutidos e analisados na correspondência machadiana ao longo do período de pesquisa, que se deu entre 2008-2009.

Em linhas gerais, o presente trabalho buscou examinar a correspondência de Machado de Assis – ativa e passiva –, com ênfase em dois veios de pesquisa: os aspectos da *grafia de vida* do escritor tal como o próprio autor os encenou; os traços da "vida literária" da época – últimas décadas do século XIX e primeira do século XX –,

---

<sup>13</sup> Dentre esses estudos destacamos Ribas (2008), Aguiar (2008) e Amaral (2008).

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

período riquíssimo sob o ponto de vista dos novos valores e dos debates intelectuais então travados, à luz da modernidade que aqui chegava de modo cada vez mais impositivo e avassalador (tema, aliás, de numerosas narrativas do "cético" Machado de Assis).

Tendo em vista o grande número de cartas trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais, foram selecionados inicialmente quatro correspondentes: Joaquim Nabuco, José Veríssimo, Mário de Alencar e Lúcio de Mendonça. Essa seleção obedeceu a dois critérios: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época (notadamente Joaquim Nabuco e José Veríssimo); e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis. Porém, com a intenção de limitar um pouco mais o *corpus* da pesquisa, decidimos excluir da investigação as missivas entre Machado de Assis e Lúcio de Mendonça, concentrando-nos nos três correspondentes citados acima. Esta decisão se deu principalmente por causa dos temas tratados por Machado e Lúcio. Numa leitura mais atenciosa de suas cartas, percebemos que as conversas travadas entre os dois beiram o que se poderia chamar de "idolatria de um fã", limitando-se assim à pura troca de elogios do **aprendiz** Lúcio de Mendonça ao **mestre** Machado de Assis, denominações estas (em negrito) usadas pelo primeiro deles.

Antes, porém, de iniciar-se uma observação mais detalhada sobre as missivas escolhidas, é de total relevância realizar uma breve discussão sobre a carta como gênero, o que será feito a partir do texto *A escrita de si*, de Michel Foucault. Para o estudioso, a carta é a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva, dizem os estudiosos, puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: "Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro" (Santiago, 2002, p. 12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo. Este "montar-se a si próprio na carta" mostra o que Foucault classifica como "presentificação". A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor torne-se "presente" a quem se dirige. E esta presença não se dá "simplesmente através de informações que fornece sobre sua vida, suas atividades, seus fracassos, sua

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

fortuna ou suas infelicidades;” é uma presença que chega, por vezes, a ser “imediata” e quase “física”, como podemos observar nos fragmentos seguintes: “(...) Aqui estou em silêncio, e a sua carta valeu por gente(...)”, (Assis, 1946, p. 308); “(...) receba as visitas afetuosas de todos os meus e um abraço do seu(...)”, (Assis, 1946, p. 309). Estes são dois breves fragmentos de duas cartas trocadas entre Machado de Assis e Mário de Alencar, nas quais o tema do cansaço e da velhice já se fazia presente. Percebe-se, então, que buscam “complementar-se” e “ajudar-se” por meio da carta, fazendo-se presente um ao outro. Ainda Foucault diz-nos sobre a importância da escrita para o conhecimento de si:

O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um “corpo” (...) o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida “em forças e em sangue”(...). Ela transforma-se, no próprio escritor, num princípio de ação racional. (Foucault, 1946, p. 143)

A partir disso, se esclarece o efeito da “presentificação”, pois aquele que escreve se constitui, se monta diante daquele que o lê, por meio do olhar do correspondente.

A carta, além deste caráter de presença, revela “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (Foucault, 1985, p. 131), assemelhando-se neste sentido, à confissão, revelando sem nenhuma reserva “todos os movimentos da alma” (Foucault, 1985, p. 131). Dessa forma, a carta reflete aquele que escreve através do olhar do outro; ou seja, o *eu* que se mostra na carta se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, poderia justificar a diferença dos temas tratados por Machado de Assis e seus correspondentes, conforme será verificado mais detalhadamente ao longo deste artigo. Michel Foucault ilustra bem tal afirmação quando diz que

Escrever é pois “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta funciona como um olhar que se pousa no destinatário (através da missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma forma de se entregar ao seu olhar através daquilo que lhe dizemos de nós mesmos. De certo modo, a carta proporciona um face a face. (Foucault, 1985, p. 425)

Assim, é possível perceber que há na carta um movimento introspectivo no sentido de que o missivista se oferece ao olhar do outro e através deste vê-se a si mesmo, conforme define Foucault:

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

O trabalho que a carta opera no destinatário, mas que também é efetuado naquele que escreve pela própria carta que ele envia, implica portanto uma introspecção; mas é preciso compreendê-la menos como um deciframento de si por si do que como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo. (Foucault, 1985, p. 151-152)

Há exemplos claros disso na correspondência machadiana, principalmente as do período posterior à morte de Carolina, sua esposa. Em tais cartas Machado de Assis acentua em vários momentos a maneira como se apresenta sua letra/ caligrafia, enfatizando, por vezes, que ela vai *trêmula*, o que nos remete a ideia de fragilidade, fraqueza, velhice. Machado concede, então, em momentos como este uma *abertura ao outro sobre si mesmo*, “metaforizando” o seu estado físico, caracterizado pela velhice e pelo cansaço, por meio da letra.

A missiva como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal. Segundo Michel Foucault, “A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente (...) constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar (...), se preparar a si próprio para eventualidade semelhante” (Foucault, 1985, p. 147). Ele segue nos dando um exemplo nas cartas de Sêneca:

As cartas de Sêneca mostram uma atividade de direção que um homem de idade e já retirado exerce sobre outro que ainda desempenha importantes funções públicas. Por meio dessas lições escritas, Sêneca continua a exercitar-se a si próprio, em função de dois princípios que invoca frequentemente: que é preciso aperfeiçoar-se toda a vida e que a ajuda alheia é sempre necessária ao labor da alma sobre si própria. (Foucault, 1985, p. 146)

Após tais considerações sobre a carta como gênero, será apresentada uma análise mais minuciosa da correspondência machadiana, tendo em vista os objetivos traçados nesta pesquisa.

A leitura das cartas de Machado de Assis e de seus correspondentes – assim como a leitura dos textos críticos sobre a sua correspondência –, levou-nos a alguns resultados que já eram previstos e outros que nos surpreenderam. Um destes foi a ausência de temas mais íntimos e particulares que pudessem constituir uma “biografia” escrita pelo próprio autor no cenário de suas cartas. Todas as verdades ditas são do conhecimento de todos, não há segredos inconfessáveis nas cartas de Machado de Assis. Nestas, ele nada ou quase nada conta sobre sua intimidade. Maria Cristina Ribas, no seu trabalho

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

*Onze anos de correspondência: os machados de Assis* nos dá sua impressão sobre isto:

Se insistíssemos na expectativa de encontrar “segredos” da vida íntima de Machado e esperássemos recortar (...) subsídios para uma “biografia machadiana autêntica”, não teríamos compreendido a lição de Foucault, nem o trabalho de desconstrução das categorias empreendido pelos pós-estruturalistas franceses, quando afirmam que a autobiografia não é um gênero ou modo, mas uma figura da leitura ou da compreensão que ocorre, em algum grau, em todos os textos. (Ribas, 2008, p. 69-70)

Outro estudioso que resume bem este perfil do bruxo é Brito Broca, crítico literário e historiador brasileiro que, em sua relevante obra *A vida literária no Brasil*, afirma:

Pouco íntimo seria talvez Machado de Assis, no conceito de muita gente, porque não costumava dar piparotes na barriga dos amigos, nem permitia certas franquias de trato, que refletem antes uma visceral tendência para o plebeísmo, do que a aproximação estreita de dois espíritos. Não fazia confidências, guardava sempre irreprensível discrição no que se referia à vida particular; (Broca, 1975, p. 251)

Assim, alguns de seus temas mais recorrentes são a ABL, a rotina no Ministério, e encontros com os amigos. Quando escreve um pouco mais sobre si mesmo, privilegia as notícias sobre apropriada saúde a de Carolina, em cartas nas quais as referências à velhice e ao cansaço já se fazem presentes.

Outra ausência identificada nas missivas machadianas é a de assuntos relacionados à política da época, o que chama a atenção na correspondência com Joaquim Nabuco, o qual ocupava o cargo de diplomata do Brasil. Esperava-se encontrar dados importantes que pudessem esclarecer e dar novas visões sobre o cenário político que se formava no período. Fez-se silêncio sobre o tema entre os dois. José Murilo de Carvalho escreve sobre isto no prefácio *As duas Repúblicas*, do volume *Machado de Assis e Joaquim Nabuco. Comentários e notas à correspondência entre estes dois escritores*, confirmando a questão: “O grande silêncio da correspondência, silêncio ensurdecedor, como diria Nelson Rodrigues, diz respeito à política. Parece ter havido entre Machado e Nabuco um pacto não escrito: não se fala de política”. (Carvalho, 2003, p. 14).

Ainda que a intimidade e a política não estejam presentes nas cartas, podemos identificar várias outras questões relacionadas à i-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

magem de si e à sua grafia de vida. Analisando as cartas é possível assinalar de que forma Machado de Assis se abre ao olhar do outro, como vemos no trabalho de Maria Helena Werneck (“Veja como ando grego, meu amigo.” *Os cuidados de si na correspondência machadiana*). Ao analisar a carta de 31 de janeiro de 1904 enviada por Machado de Assis a José Veríssimo, podemos exemplificar tal questão:

Nova Friburgo 31 de janeiro de 1904

Meu caro Veríssimo

A letra vai um pouco trêmula, mas os beijos ficam menos arrebatados. Veladamente quero dizer que acabo de sair de uma febre que me deixou de cama alguns dias. (...) Imagine-me um pouco mais magro e cheio de saudades. (...) Vá desculpando estes rabiscos. Não ponho mais na carta para que ela chegue à mala que vai partir. (...) Reli a carta, é tudo embrulho, mas prefiro mandá-la assim mesmo e não lhe dizer linha.” (Assis, 1946, p. 209)

O trecho exemplifica de forma significativa a abertura que o escritor dá ao outro e, dessa forma, o trabalho sobre si mesmo através do olhar daquele que o lê. Este movimento está expresso no modo como Machado de Assis escreve, ou melhor, como define a sua caligrafia: a letra um pouco trêmula. Assim, Machado de Assis sugere ao amigo o estado físico e emocional em que se encontra.

Antes de analisar a correspondência trocada com Joaquim Nabuco, foi possível perceber na trabalho de Brito Broca que Machado de Assis e tal companheiro de missivas e de ABL apresentavam algumas diferenças de personalidade que tornavam, à primeira vista, curiosa a maneira como se entendiam tão bem. Inclusive, Broca afirma que “sob certos aspectos, constituía mesmo um a antítese do outro” (Broca, 1975, p. 252). Nabuco era um apaixonado pela causa social, ou melhor dito, pela escravidão, entregando-se totalmente à campanha tanto no Parlamento como nas praças públicas; era um político militante, um verdadeiro homem de luta, colocando-se, assim, do lado oposto a Machado. Contudo, o autor de *Abolicionismo* “possuía a mesma discrição, o mesmo senso da medida nas expansões íntimas, o mesmo pudor que parecia frieza” (Broca, 1975, p. 252) no bruxo do Cosme Velho. José Murilo de Carvalho complementa e resume a afirmação de Broca, pois diz que ainda que tivessem um tom cerimonioso, possuíam/ tinham harmonia, o que realmente verificamos nas suas cartas.

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

Na correspondência entre os dois amigos, o assunto predominante foi a Academia Brasileira de Letras. Discutiam temas tais como as dificuldades enfrentadas para que a instituição se solidificasse no cenário cultural do país; a constituição do “perfil” da Academia; a sua instalação numa sede própria, entre outras questões. Chama a atenção, nessa correspondência, o gradativo aflorar dos sentimentos por parte dos dois missivistas e o esforço empreendido por Machado de Assis no sentido de partilhar memórias e vivências com o amigo, o qual, em 1899, partiu para a Inglaterra em missão diplomática. “Nas cartas que trocaram não há uma palavra menos amável, a menor referência capaz de ferir a suscetibilidade de um ou de outro; nenhum desses gestos bruscos que escudam no pretexto da franqueza. O entendimento, dentro das convivências afetivas, era perfeito” (Broca, 1975, p. 252).

É possível, além disso, observar nas referidas cartas alguns traços do exercício pessoal, na acepção de Foucault. Este afirma no texto “A escrita de si”, que a missiva funciona como uma forma de “exercitar-se a si próprio”, partindo-se de dois princípios: “(...) é preciso aperfeiçoar-se toda a vida e que a ajuda alheia é sempre necessária ao labor da alma sobre si própria.” (Foucault, 1985, p. 146). Estes dois pontos tratados por Michel Foucault são notadamente vistos nas cartas de Machado de Assis em diversos momentos e de diferentes formas, de acordo com o seu correspondente.

Numa outra carta enviada a Joaquim Nabuco, Machado mostra sua preocupação a respeito de uma de suas obras e, a fim de sanar as próprias dúvidas, pede conselhos e opiniões ao amigo:

Rio de Janeiro, 14 de abril de 1833.

Meu caro Nabuco.

Esta carta devia ser escrita há cerca de um mês. Como, porém um folha desta Corte anunciasse que V. em maio viria ao Rio de Janeiro, entendi esperá-lo. Falei depois ao Hilário [de Gouveia], que me disse não ter nenhuma carta sua nesse sentido: concluí que a informação não era exata, e resolvi mandar-lhe estas duas linhas, acompanhadas de um livro meu. Antes de falar do livro, agradeço muito as suas lembranças de amizade, que de quando em quando recebo. (...) Vê V. que, se lembra dos amigos, o correio não o deixa mal, e é transmissor das suas memórias. Oxalá faça o mesmo com o livro que ora lhe envio, *Papéis Avulsos*, em que há, nas notas, alguma coisa concernente a um episódio do nosso passado: a Época. Não é propriamente uma reunião de escritos, esparsos,

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

porque tudo o que ali está (exceto justamente a "Chinela Turca) foi escrito com o fim especial de fazer parte de um livro. Você me dirá o que ele vale,(...). (Assis, 1946, p. 39)

Este trecho da carta revela a importância de tentar aperfeiçoar a sua obra por meio do direcionamento ao outro, realizando o exercício pessoal, além de receber as influências ou, efetivamente, a ajuda daquele a quem se dirige. Tal atitude está presente em quase todas as cartas trocadas entre Machado de Assis e seus correspondentes, principalmente José Veríssimo, que diversas vezes publica críticas a respeito da obra do amigo, que sempre lhe retribui em agradecimentos nas cartas. Uma das críticas a respeito de *Dom Casmurro* é retribuída agradecida no mesmo dia em que foi publicada, como se pode ler na carta transcrita a seguir. Nela vê-se o resultado do aperfeiçoamento intelectual por meio do exercício pessoal:

Rio de Janeiro, 19 de março de 1900

Caro am. J. Veríssimo.

Esta carta leva-lhe um grande abraço pelo seu artigo de hoje. *Dom Casmurro* agradece-lhe comigo a bondade da crítica, a análise simpática e o exame comparativo. Você acostumou-nos às suas qualidades finas e superiores, mas quando a gente é objeto delas melhor as sente e cordialmente agradece. Ao mesmo tempo sente-se obrigada a fazer alguma, se os anos e os trabalhos não se opuserem à obrigação. Caso fosse possível, não seria dos menores efeitos da sua crítica de mestre. Adeus, meu caro amigo, obrigado pela Capitu, Bento e o resto. Até logo se puder sair a tempo; se não, até amanhã, que é terça-feira, dia de despacho. Velho am.º e admirador. Machado de Assis. (Assis, 1946, p. 174)

A fim de complementar a carta transcrita anteriormente, seria interessante visualizarmos alguns trechos da crítica citada por Machado de Assis. Ela foi publicada no *Jornal do Comércio* de 19 de março de 1900:

Um irmão de Brás Cubas

José Veríssimo

Dom Casmurro é irmão gêmeo, posto que com grandes diferenças de feições, senão de índole, de Brás Cubas. (...) Dessa obra ressumbra uma filosofia amarga, cética, pessimista, uma concepção desencantada da vida, uma desilusão completa dos móveis humanos. E, com isto, em vez das imprecações e raivas dos pessimistas profissionais, como os profetas bíblicos, (...) a quem uma fé, uma esperança desesperada, uma forte convicção alça a cólera ou exaspera a paixão, uma ironia fina, brincalhona, cortês, de homem bom, mas seguro, (...).



## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

(...) na obra do Sr. Machado de Assis a representação dos aspectos materiais da vida não provém da descrição ou da enumeração das partes que os compõem, (...) a paisagem, que ele, aliás não ama, e da qual, que me lembre, jamais se ocupou, não será para ele um conjunto de árvores, montes, águas, com este ou aquele aspecto particular, senão a impressão moral e estética que ela produz no artista.

(...) A sua conclusão, que não é talvez aquela que ele confessa, seria acaso que não há escapar à mesma que ele nos dá. Perco-me decididamente em explicações. Lede a fábula, e tirai-lhe vós mesmos a moralidade. (Machado, 2003, p. 223-229)

E, já que citamos José Veríssimo, vamos passar às considerações sobre a correspondência desse intelectual com Machado de Assis. Nas cartas trocadas entre eles, os temas são mais cotidianos e tratados num tom mais informal, próximo da conversa entre amigos, incluindo-se até mesmo o gracejo e a brincadeira. Ainda que estivessem separados por sensíveis diferenças de temperamento, como nos diz Brito Broca, concluímos que é com José Veríssimo que Machado de Assis fica mais “à vontade”. Os missivistas “conversam” sobre a cidade carioca (os constantes temporais, o Carnaval, por exemplo), sobre as próprias obras e sobre outras publicadas no período. Vale ressaltar que tais discussões acerca de algumas publicações literárias do período não apresentam um cunho *ensaiístico*, visto que não constituem um pensamento crítico mais sistematizado sobre a elaboração efetiva destas obras.

Para comprovar o quanto a relação entre os dois era forte Machado de Assis, que já se encontrava no fim da vida, atormentado pela doença nunca nomeada nas cartas, atende à solicitação de José Veríssimo, que pede o direito de ser o seu testamentário literário, reunindo e publicando a correspondência machadiana — ainda que o cético de *Brás Cubas* não julgasse suas cartas tão relevantes assim, como expressa em de 21 de abril de 1908, reproduzida abaixo:

RJ, 21 abr. 1908.

Meu caro J. Veríssimo, / Não me parece que de tantas cartas que escrevi a amigos e a estranhos se possa apurar nada interessante, salvo as recordações pessoais que conservarem para alguns. Uma vez, porém, que é satisfazer o seu desejo, estou pronto a cumpri-lo, deixando-lhe a autorização de recolher e a liberdade de reduzir as letras que lhe pareçam merecer divulgação póstuma. / Nesse trabalho desconfie da sua piedade de amigo de tantos anos, que pode ser guiado, — e mal guiado, — daquela afeição que nos uniu sem arrependimento nem arrefecimento. O tempo

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

decorrido e a leitura que fizer da correspondência lhe mostrará que é melhor deixá-la esquecida e calada. E para mim bastará a simpatia que o seu desejo exprime. / Receba ainda agora um abraço apertado do velho admirador e amigo. (Assis, 1946, p. 29)

Outro ponto importante identificado nas cartas trocadas com José Veríssimo é o efeito de “presentificação”, ou seja, a construção daquele que escreve por meio do olhar do correspondente, perceptível tanto nas despedidas de cada carta como em outros momentos, dentro do próprio desenrolar da missiva. Eis a seguir quatro exemplos em que o bruxo do Cosme Velho se “constrói” diante do amigo:

Cá li a referência no *Jornal* de hoje, e *daqui lhe mando um aperto de mão*, com as velhas saudades do / Am.º velho / M. De Assis. P.S. (Rio, 10 de abril de 1898)

Meu caro J. Veríssimo / Quase certo ou certo de não poder ir pessoalmente lá, *vou por este bilhete* que não exige resposta. (Rio, 20 de junho de 1899)

Não quero encontrá-lo sábado, à noite, sem lhe ter dado ao menos um abraço de longe. Aqui vai ele, pela crítica do meu velho livro e pelo mais que disse do velho autor dele. (Rio, 15 de dezembro de 1898)

Seguindo os estudos das cartas trocadas entre Machado de Assis e José Veríssimo, percebe-se que, a partir de 1904, ano da morte de Carolina, Machado de Assis começa a realizar um movimento “decrecente”, se podemos classificar assim, em relação aos temas. A partir de tal ano, observou-se, não só nas missivas entre Machado e Veríssimo, mas sim em todas as cartas trocadas com os correspondentes analisados, uma tendência ao tema da “velhice e do cansaço”, contrapondo-se às primeiras questões tratadas, como reuniões da ABL, o cotidiano do trabalho, a vida com a esposa, entre outros, todas sempre sob um ponto de vista positivo. Com o agravamento da doença e, posteriormente, a morte da esposa, tudo muda, inclusive a frequência com que escrevia. Vários são os trechos que ilustram este momento em que Machado de Assis desenha um pouco mais sua *grafia de vida*. Eis a seguir alguns exemplos significativos extraídos de duas cartas endereçadas a José Veríssimo:

Rio, 4 de fevereiro de 1905.

Meu caro José Veríssimo.

Ontem, depois que nos separamos, recebi o livro e a carta que V. me deixou no Garnier. Quando abri o pacote, vi o livro e li a carta, recebi na-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

turalmente a impressão que me dão letras suas, — maior desta vez pelo assunto. Obrigado, meu amigo, pelas palavras de carinho e conforto que me mandou e pelo sentimento de piedade que o levou à devolução do livro. Foi certamente o último volume que a minha companheira folheou e leu trechos, esperando fazê-lo mais tarde, como aos outros que ela me viu escrever. Cá vai o volume para o pequeno móvel onde guardo uma parte das lembranças dela. Esta outra lembrança traz a nota particular do amigo. Apesar da exortação que me faz e da fé que ainda põe na possibilidade de algum trabalho, não sei se este seu triste amigo poderá meter ombros a um livro, que seria efetivamente o último. Pelo que é viver comigo, ela vivi e viverá, mas a força que me dá isto é empregada na resistência à dor que ela me deixou. Enfim, pode ser que a necessidade do trabalho me traga esses efeitos que V. tão carinhosamente afiança. Eu quisera que assim fosse. Quanto à minha visão das coisas, meu amigo, estou ainda muito perto de uma grande injustiça para descrever do mal. Nabuco, animando-me como V., escreveu-me que a mim coube a melhor parte — "o sofrimento". A visão dele é outra, mas em verdade o sofrimento é ainda a melhor parte da vida. Adeus, obrigado, não esqueça este seu velho (...). (Assis, 1946, p. 220-221)

Rio, 22 de fevereiro de 1906.

Meu caro Veríssimo.

A sua carta de 19 chegou aqui anteontem, mas suponho ter-lhe ouvido que desceria ontem pelas exéquias, receei que a resposta se desencontrasse do destinatário, e não lhe escrevi no mesmo dia. Escrevo-lhe hoje para lhe agradecer as boas e amigas palavras que me mandou a respeito das *Relíquias*. Já estou acostumado a elas. A sua afeição conhece a arte de acentuar a opinião já de si benévola. Ainda bem que lhe agradaram essas páginas que o teimoso de mim foi pesquisar, ligar e imprimir como para enganar a velhice. Não sei se serão derradeiras, creio que sim. Em todo caso estimo que não tenham parecido importunas ou enfadonhas, e o seu juízo é de autoridade. — Adeus, meu caro Veríssimo. Não lhe digo até breve, porque, não podendo lá ir, começo a desconfiar que não virá mais cá; Petrópolis não perdeu, com as revoluções, o dom de enfeitiçar e prender. Ao contrário, parece que o tem agora maior. Eu aqui indo, como posso, emendando o nosso Camões, naquela estrofe:

Há pouco que passar até outono...

Vão os anos descendo, e já de estio.

Ponho outono onde é estio, e inverno onde é outono, e isto mesmo é vaidade, porque o inverno já cá está de todo. / Adeus, meu caro Veríssimo, lembranças aos seus e aos amigos, com quem dividirá as saudades do / Velho amigo. Machado de Assis (Assis, 1946, p. 224-225)

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

Observa-se na carta de 4 de fevereiro de 1905 a forma como Machado de Assis escreve a sua *grafia de vida* após a perda, mostrando-nos o vazio e o “cansaço” resultante da obrigação de seguir vivendo sem motivo, sendo sustentado somente pelos companheiros que o estimulam a viver. Ainda que declare, na referida carta, que não possui mais forças para escrever, quando buscamos as datas referentes à bibliografia do autor, identificamos que ainda escreve a peça *Lição de botânica* (1906), o livro *Relíquias de casa velha* (1906) e o *Memorial de Aires* (1908). Este último – composto como um diário – ilustra claramente o momento em que vivia o autor, levado pela saudade e pelo pessimismo. Na carta de 22 de fevereiro de 1906, acima transcrita, Machado de Assis completa a ideia expressa na missiva anterior, colocando o seu trabalho não mais como uma forma de satisfação, mas sim como uma maneira de fazer o tempo passar sem que possa se dar conta.

Se, na correspondência com José Veríssimo, a doença já era um tema recorrente, este se expande nas cartas trocadas com Mário de Alencar. “A sequência das cartas, iniciada em 26 de dezembro de 1906 e interrompida em 29 de agosto de 1908, coloca em primeiro plano a reciprocidade do olhar e do exame entre dois homens de idades diferentes, que se igualam nos padecimentos, superando, por vezes, o movimento bilateral de conselho e ajuda”. (Werneck, 2000, p. 143). Ainda mais intensamente que Machado de Assis, o jovem Mário de Alencar contava todos os pormenores de seu estado mórbido, que se estendia ao mal dos nervos e à visceral melancolia. Quanto a Machado de Assis, embora também traga o foco para si e para o próprio corpo doente, continua mergulhado na rotina de afazeres burocráticos e na política da Academia.

Percebemos que devido, principalmente às tribulações passadas por Mário de Alencar como resultado de suas doenças, físicas ou imaginárias, Machado de Assis assume uma postura quase que paternal em relação ao amigo. Nestas missivas, identificamos, por entre as marcas de afetividade recíproca entre os correspondentes, o desejo e a disponibilidade de Machado em ouvir o outro, assim como um pai.

Rio, 18 de março de 1907.

Meu querido amigo. — Respondo a sua carta de 14, que me trouxe excelente impressão, confirmando a que Léo me tem dado. Faz bem em alternar os livros com os quadros naturais. Ao cabo, tudo concorre para a

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

completa cura. (...) Contente-se, por ora, de ir lendo o que lhe mandar este pobre amigo. (...) Vá relevando esta letra execrável, cada vez pior que a do costume. — Por que não me escreve alguma coisa? Ideias fúgitivas, quadros passageiros, emoções de qualquer espécie, tudo são coisas que o papel aceita e a que mais tarde se dá método, se lhes não convier o próprio desalinho. Eu confesso-lhe que estou agora inteiramente parado no que quisera fazer andar. Meus respeitos as doces companheiras da sua vida, abraços para as crianças, e um para si do amigo velho — Machado de Assis. (Assis, 1946, p. 259-261)

Esta carta revela um Machado mais afetivo, que aconselha, anima, fortalece, e se preocupa mais com o outro do que consigo, assim como ocorre com os pais em relação aos filhos. Broca conclui dizendo que: “(...) mas suas cartas aí estão para mostrar que sabia ter sempre a palavra de conforto adequada e justa para as atribulações e as dores dos amigos (Broca, 1975, p. 51).

Brito Broca também nos dá um resumo das cartas do filho de José de Alencar: “É assim, em tom lamurioso, queixando-se dos nervos, de doenças imaginárias, num constante desalento, que se dirige ele ao amigo mais velho, aconselhando-lhe também remédios, seguindo o costume de todos os valetudinários” (Broca, 1975, p. 253), conforme podemos verificar na carta reproduzida a seguir:

Lorena, 8 de janeiro de 1907.

Meu querido amigo – desculpe-me escrever-lhe nesta meia folha de papel; não achei melhor e não quero deixar de escrever-lhe hoje. Recebi a sua carta de 3 e recebi a anterior; ambas foram de grande efeito sobre meu espírito. Confortando-me e animando-me as suas boas palavras, e lendo-o eu me esqueço de mim e do que me aflige. A última, porém, deixou-me triste pela notícia que me deu de se haver interrompido a sua melhora. Insisto no pedido que lhe tenho feito sempre; não abuse de suas forças. Agora que já experimentou a eficácia do tratamento, não deve duvidar da cooperação grande que pode trazer aos remédios o regime da vida. Essa pequena crise é uma advertência da natureza; não desanime, veja nela apenas a confirmação dos meus pedidos e das minhas ponderações a respeito do seu trabalho. Não falo do trabalho literário que bem sei que é uma necessidade inevitável do seu espírito e só pode fazer bem ao Sr. e a todos que o prezamos. Falo do trabalho oficial, que faz por dever apenas. (...) Outra coisa que também lhe peço para não esquecer é o mal que pode trazer a bebida frequente do café, sobretudo à tarde, em que o costuma tomar ao sair da Secretaria. (...) Tendo esses cuidados, verá que as melhoras continuarão sem outra crise. (...) (Assis, 1946, p. 252-253)

Neste ponto podemos acrescentar “o aperfeiçoamento de si por meio do outro”, conforme nos indica Michel Foucault (“Quem

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

ensina instruí-se”). A carta trabalha como forma de treino para aquele que a escreve. Ao dar conselhos, exortações e admoestações quem escreve está preparando a si próprio para uma futura eventualidade semelhante. Há alguns exemplos claros na correspondência machadiana, como em carta de 20 de abril de 1908, enviada a Mário de Alencar:

(...) Recebi a sua (carta) no Cosme Velho, ontem, domingo. – É preciso sacudir esses nervos despóticos, que fazem da gente o que querem. Bem sei que somente conselhos não valem para tais casos, mormente no que lhe sucedeu na quarta-feira pelo acréscimo da tragédia da Avenida; mas a prova de que seu estado é já para melhor está na impressão que me dá e tem dado a outros amigos; achamo-lo mais senhor de si. Com esforço e tempo ficará totalmente estabelecido. (...) – Eu cá vou andando com meus tédios. Agora sinto-me um pouco melhor (...). O que faço é não me mostrar a todos tal qual ando; muitos me acham alegre e ainda bem. Agora, com as suas palavras de amizade e simpatia verdadeira, recebo outra consolação e animação. (Assis, 1946, p. 299-300)

Neste fragmento, é possível perceber claramente o tom de conselho e ajuda prestada ao amigo, realizando assim uma “dupla ação”: instruir ao outro e a si próprio. Além disso, o trecho é rico na maneira como o autor se mostra ao outro, registrando seus reais sentimentos e emoções.

Mestre e “aconselhador”, Machado de Assis apresenta, principalmente na correspondência com Mário de Alencar, um projeto literário de cunho pedagógico, conduzindo o mais jovem na direção da literatura. Ao ser generoso no compartilhar experiências, ia constituindo e repassando a arte do ofício e a de viver. “Cuidando do outro, cuidava de si” (Ribas, 2008, p. 51).

Por fim, cabe dizer que, a “imagem de si mesmo” que Machado de Assis vai construindo ao longo de suas cartas está longe do estereótipo que costuma defini-lo como um sujeito *casmurro*, *ensimesmado*, *anti-social* e *frio* nas relações humanas. Ao contrário, o missivista Machado manifesta, sempre que possível, a sua necessidade de integração e de “correspondência” com o outro. Ainda que de forma discreta e comedida, o bruxo não esconde, nas cartas, o sofrimento pela morte de Carolina e a dor provocada pela doença, não calando seu “corpo doente”, descrevendo as sensações corpóreas e as impressões de mal-estar. Além disso, foi possível perceber alguns aspectos da *grafia de vida* de Machado de Assis, que através das car-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

tas, “montou-se” não só diante dos amigos acadêmicos, mas também de nós, agora conhecedores de suas cartas. Assim, por meio do cenário das cartas, conhecemos não somente um outro lado de Machado de Assis, e nem tampouco seu mundo mais íntimo e particular como pensava-se num primeiro momento. Na verdade, nos deparamos com “vários machados”, conforme classifica Maria Cristina Ribas, um para cada amigo, um em cada momento, um em cada conselho.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Modesto de. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Norte, 1939.

AGUIAR, Luís Antônio. *Almanaque Machado de Assis: vida, obra, curiosidades e bruxarias literárias*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

AMARAL, Andrey do. *O máximo e as máximas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2008.

ALMEIDA, Heloísa Lentz de. *A vida amorosa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Central, 1939.

ASSIS, Machado. Correspondência. **In:** *Obras completas*. V. 31. W. M. Jackson, 1946.

BARBOSA, Francisco de Assis. *Machado de Assis em miniatura*. São Paulo: Melhoramentos, 1957.

BELLO, José Maria. *Retrato de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: A Noite, 1952.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

FARIA, João Roberto Gomes de. Alencar e Machado: Breve Diálogo Epistolar. **In:** GALVÃO, Walnice Nogueira & GOTLIB, Nádya Battella. *Prezado Senhor, Prezada Senhora: Estudos sobre Cartas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

FONSECA, Manuel José Gondim de. *Machado de Assis e o hipopótamo*. Uma revolução biográfica. 6ª ed. e última, de tiragem limitada. Rio de Janeiro: São José, 1974.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. **In:** —. *Ditos e escritos*. V. 5. Ética, sexualidade e política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 144-162.

———. A cultura de si. **In:** *História da sexualidade 3 – o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 2007, p. 43-73.

ARANHA, Graça. *Machado de Assis e Joaquim Nabuco*. Comentários e notas à correspondência entre estes dous escritores. São Paulo, Monteiro Lobato & Cia, 1923.

———. (Org.). *Correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco*. Prefácio à 3ª edição de José Murilo de Carvalho. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras / Topbooks, 2003.

GRINBERG, Keila, GRINBERG, Lucia e ALMEIDA, Anita Correia Lima de. *Para conhecer Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LAJOLO, Marisa. *Machado de Assis: seleção de textos, nota, estudos biográficos, histórico e crítico*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003, p. 223-229.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*, vol. IV. Apogeu. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

———. *Machado de Assis desconhecido*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

———. A juventude de Machado de Assis. *Revista Brasileira de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 11, 1972, p. 119-125.

———. *Machado de Assis, funcionário público: no Império e na república*. Rio de Janeiro: Ministério da Viação e Obras Públicas / Serviço de Documentação, 1958.

MASSA, Jean-Michel. La Bibliothèquede de Machado de Assis. *Revista do Livro*. Rio de Janeiro: INL, 21-22, mar/jun, 1961, p. 195-238.

———. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.



## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

PAULA-FREITAS, Luis. *Perfil de Machado de Assis*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Âncora, 1947. [1ª ed. Oficina gráfica de *O Globo*, 1939].

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis*. Estudo crítico e biográfico. 6ª ed. rev. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988. [1ª ed., 1936].

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC/7 Letras, 2008.

ROCHA, Fátima Cristina Dias. Encontros marcados e “movimentos simulados” nas cartas de Clarice Lispector. **In:** *Tramas e Mentiras: Jogos de Verossimilhança*. Organização Silvia Regina Pinto. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. **In:** FROTA, Lélia Coelho (org.). *Carlos e Mário*. Correspondência de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002, p. 7-33.

SECCHIN, Antonio Carlos. *Machado de Assis & Joaquim Nabuco: Correspondência*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

WERNECK, Maria Helena Vicente. *O homem encadernado*. Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

———. Veja como ando grego, meu amigo. Os cuidados de si na correspondência machadiana. **In:** GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella (Orgs.). *Prezado senhor, prezada senhora. Estudos sobre cartas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000, p. 137-145.